

## 1.

Palmira João acordou estremunhada, a boca seca como tábua de soalho.

Sentou-se na cama a sorver todo o ar do mundo. Arfava. Colocou as mãos no peito a domesticar os saltos do coração, certificou-se de que estava viva e respirante. Contrariadíssima, percebeu que o pesadelo não lhe ia permitir voltar a pregar olho. Um medo suspicaz, uma espécie de premonição maléfica, atazanavam-na como se o universo se tivesse fechado sobre si, abafando-a.

Desde o seu casamento com Torcato Bernardes, à revelia das grillhetas do pai, muitos temores a tinham trespassado. Mas aquele que a vinha martirizar todas as noites tinha o sabor lamacento de um negro presságio. Muito se admirava sempre que ouvia falar do sexto sentido de algumas mulheres para adivinhar nos maridos o fantasma da traição conjugal. Não era o caso dela, que tinha em Torcato um devotadíssimo esposo. Os prenúncios dos seus medos tinham outras origens e vinham à tona da sua consciência, rompendo a tranquilidade do sono.

— Que estará para acontecer, meu Deus? — gemeu.

Os efeitos do pesadelo mantiveram-se por mais uns minutos. Apurou o ouvido a escutar os ruídos da rua. De

longe, chegou-lhe o rolar dos pouquíssimos carros a atravessar a cidade na Estrada Nacional 1 em direcção ao Sul, a Alcobça, a Caldas da Rainha e, finalmente, Lisboa.

Para os lados do escadório da Senhora da Encarnação, um cão ladrava. O mesmo que há anos, amarrado a uma corrente de ferro, quase paráltico das patas traseiras, ululava no silêncio das noites de Lua cheia. Os seus uivos atravessavam como punhais sonoros as consciências dos que procuravam dormir.

## 2.

A cidade, nesse afastadíssimo ano de 1959, vivia secularmente no sopé de uma elevação abrupta. Nesta, as disformes e inúteis ruínas de um castelo. Em séculos idos, configurara-se como lar doméstico de um monarca valdevinos, poeta, cantador e *dandy*. Um galo doido por mulheres. Os seus ardores de macho deram origem a uma freguesia com um nome romântico mas mentiroso: *Amor*. Entre guerras fratricidas e escapadelas eróticas, mandou plantar um pinhal infinito e frutuoso. Havia mais tarde de servir para se levantarem as delicadas mas ladinas caravelas, uns madeiros que não tremiam frente a vagas e adamastores. Dava este homem pelo nome de Diniz, o sexto no inventário da lusa realeza.

## 3.

Não era um burgo diferente dos outros, acanhado e plácido. Vivia num rame-rame beato sob a asa das quatro igrejas e da Sé. Animava-se um pouco com as procissões e a passagem de camionetas para Fátima, atafalhadas de peregrinos e farnéis. Se acaso elas fizessem uma pausa, antes

do ataque moroso à serra d’Aire, estacionavam ao fundo do jardim municipal. Dava azo a que os excursionistas desaparecessem por entre as árvores, de bexiga cheia. Três ou quatro vezes por ano, o lado sul do jardim municipal exalava um cheiro nauseabundo a urina.

A bênção do senhor bispo era outro aspecto interessante e motivo de alegria. Ao princípio da noite, ele entregava-se a digressões à peanha, para desferrujar as pernas. Dava a beijar a rechonchuda mãozinha aos poucos transeuntes que se apressavam para a sisudez dos seus lares domésticos. Apesar da urgência, faziam questão de se deterem por breves momentos e dobrarem-se numa vénia humílima. Alguns não se coíbiam a um pedido:

— Senhor bispo, reze pela minha mãe. Está mais para lá do que cá, a pobrezinha.

— Sim. Rezo por todos os católicos.

De Leste vinham os fumos milagrosos e estimulantes de Fátima — situada a menos de 30 quilómetros em linha recta.

Entoava-se a ladainha carregada de fé:

*enquanto houver portugueses, tu serás o...*

#### 4.

A pasmaceira era igual e derramava-se por todo o país como modorra de galinha choca. As tragédias só tinham lugar no estrangeiro, especialmente aquele em que se renegara a fé católica, o vigário de Cristo e as imagens de santos. Essa maltesia, enxertada da mais soez impiedade, pagava as favas bem caras: as desgraças só aconteciam por aquelas bandas. E por desgraças entendiam-se os comunismos pagãos, a pata de Estaline e a de um chinoca com coração de fel. Ainda as guerras fratricidas, os homicídios, a pouca vergonha dos divórcios, a imoralidade das mulheres

na praia, de biquíni afrontoso. Aquele umbigo ao léu fazia vacilar a fé mais arreigada de um santo.

O luso torrão estava a salvo de todas estas calamidades. A asa protectora da mãe de todos nós para alguma coisa havia de servir.

## 5.

— Não há nada que pague esta paz.

A devota afirmação descia dos púlpitos eclesiásticos, soltava-se nas ondas sonoras da Emissora Nacional, vinha registada em jornais diários. Nas suas rezas, os portugueses oravam pela saudinha do bondoso caudilho que nos salvara da traulitada mortífera da 2ª guerra. E mantinha-nos a salvo de comunismos, paganismos, inconformismos, coisas que tinham tanto interesse como um chinelo velho mas que eram perigosas como serpentes venenosas.

A lua-de-mel era um processo que se levava a sério. Em especial com as noivas, cuja pureza se exigia na primeira noite como a mais imaculada das virgens. Daí o branco da vestimenta, o raminho de laranjeira, o rosto tapado por uma rendinha. Recato, recato. E as palavras soleníssimas acerca das virtudes conjugais ditas pelo clérigo oficiante no altar, que de casamentos percebia népia.

Com os homens, digamos, era diferente. Eles tinham outras e indiscutíveis necessidades. Por isso existiam as putinhas do Carrascal — uma viela empinada e proscrita que só se detinha num alto onde os mortos descansavam a dois metros da superfície —, para aliviar os machos afogados em testosterona.

Perante este mar de sossego em que navegava a nação, repetia-se com inabalável fé:

— Não há nada que pague esta paz.